

QUANDO UM JARDIM É VISTO COMO ARTE

RAFAELA BARBOSA RIBEIRO¹; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES²;
ANGELA RAFFIN POHLMAN³

¹ Universidade Federal de Pelotas – rafaelabriereiro@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – regi.ntavares@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A afirmação do título vale como pergunta para o texto: quando um jardim é visto como arte? O assunto surge no grupo sobre Arte e Tecnologia que se encontra no ateliê 103 do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Este grupo pretende realizar um jardim assentado em vasos que possa ser acessado e experienciado por um público diverso.

A ideia central do Jardim é aproximar pessoas e plantas, estudando a arte relacional e a tecnologia para essa aproximação. O processo coletivo de construção do projeto apresenta muitas outras ideias que orbitam o Jardim, trazendo outros conceitos e significações possíveis, afinal, o grupo é formado por discentes e docentes dos cursos de Artes Visuais, Engenharia Eletrônica e Engenharia de Controle e Automação da UFPEl. Com a diversidade acadêmica o grupo se constitui como um grupo multidisciplinar de pesquisa. Assim sendo, cada participante tem sua própria percepção acadêmica do projeto. Neste resumo procuro trazer a percepção que tenho do projeto como artista visual e estudante de licenciatura em Artes Visuais.

No primeiro momento, não há complexidades conceituais no projeto do Jardim. O jardim que coletivamente estamos pesquisando consiste em uma organização de espécies de plantas típicas do nosso clima, que encontramos nas ruas da cidade e possivelmente já estejam presentes nas casas e apartamentos de muitos de nós. Ou seja, pesquisaremos a partir daquilo que é comum e cotidiano. No entanto, assim como a arte em sua contemporaneidade, mesmo a simplicidade pode tornar-se motor para pensarmos relações mais complexas, ou pelo menos destacar aspectos óbvios da vida cotidiana. Desse modo, entendo o Jardim como uma instalação artística. Diferente de uma escultura ou objeto de arte que muitas vezes implica distâncias (como uma obra sobre um cubo branco ou atrás de uma faixa de indicação de distância), a denominação de instalação artística confere ao Jardim a possibilidade de ser um ambiente. Um ambiente que possa ser visitado e vivido, que convide à reflexão e à percepção do espaço. Visto isso, nosso jardim também pode ser entendido como uma experiência relacional, pois segundo BOURRIAUD (2009) “a arte sempre foi relacional em diferentes graus, ou seja, fator de sociabilidade e fundadora de diálogo” (BOURRIAUD, 2009, p.21). Assim, interessa ao Jardim a capacidade de gerar ideias, trocas e relações, seja entre pessoas, ou entre espécies.

Para ajudar a pensar o Jardim como arte, leio um dos trabalhos do artista visual Paulo Bruscky (2017) pela mesma ótica que leio nosso projeto. A obra “Hoje, a arte é este comunicado” (Figura 1) é uma afirmação quase cômica que reorganiza o aqui-agora de quem lê.



Figura 1 – “Hoje, a arte é este comunicado.”, 2013. Fonte: Revista Select, 2017.

A frase do artista é uma mensagem que nos lembra da importância da arte em nossa vida cotidiana e, de alguma forma, nos proporciona uma dose necessária dessa inspiração para o dia. Colocando em paralelo, percebo que da mesma maneira que a vida requer a presença da arte, conforme destacado pelo trabalho de Bruscky, ela também anseia por uma conexão com a natureza, uma ideia que o Jardim visa abordar. Assim, essas necessidades podem se entrelaçar e agir como motivação para a construção deste Jardim sendo uma peça artística.

2. METODOLOGIA

O grupo desenvolve a pesquisa trabalhando juntos no mesmo espaço e horário. O processo criativo e o desenvolvimento do projeto partem do princípio que a pesquisa multidisciplinar não é apenas a contribuição fria e justa de cada pesquisador, trazendo consigo ideias e soluções, a partir do seu conhecimento sobre a sua disciplina, para encaixar em uma necessidade do projeto. Ao contrário, o grupo interage ativamente através da conversa estabelecida em volta da mesa redonda do ateliê, onde o falar e o ouvir toma o seu tempo. O ato de conversar em grupo é uma estratégia fundamental desta pesquisa.

Além da conversa, temos momentos de experimentação. São realizadas algumas experimentações com diferentes propósitos: a) para ilustrar o que está sendo argumentado; b) para projetar ideias; c) para documentar o trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as atividades que tenho desenvolvido no projeto está a minha produção de desenhos. Alguns desenhos foram realizados enquanto as discussões apontavam para as necessidades de configuração, materiais e estruturas de

suporte para o jardim. Alguns deste objetos, que desenhei, foram construídos tais como os suportes verticais de madeira e com uma base em cimento (Figura 2 e 3).

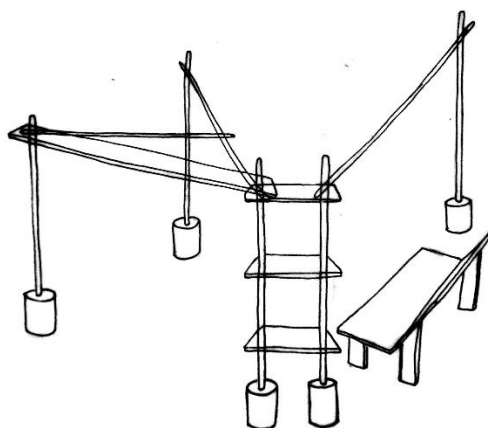


Figura 2 e 3 – Desenho da estrutura e Registro da estrutura em construção.
Fonte: acervo próprio

Este e outros desenhos foram construindo um imaginário de possibilidades para o projeto, onde fomos considerando e desconsiderando ideias, motivando com isso diferentes configurações para a estrutura que receberão os vasos.

Após a participação do grupo no 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia (CIACT), em 2023, com o artigo “O que pode um jardim relacional e multidisciplinar?” algumas inquietações foram surgindo. Durante as discussões do evento, chegou a nós o questionamento sobre o que faria do jardim, arte? Essa colocação me provocou a pensar melhor sobre as escolhas de configuração do Jardim. Então, começamos a pensar maneiras de apresentar o jardim como um convite de aproximação dos sujeitos visitantes com a obra instalativa, na tentativa de tornar mais clara a condição de arte relacional do trabalho.

4. CONCLUSÕES

O projeto não está concluído, mas tem nos provocado a pensar sobre as aproximações entre arte, ciência, tecnologia e engenharia. A pergunta que motivou este texto “quando um jardim é arte” surgiu a partir das conversas no CIACT são ideias que surgem pelo trabalho coletivo desse grupo multidisciplinar que reúne professores e estudantes das engenharias e das artes. A simplicidade que pode estar contida em um jardim nos ajuda a falar das complexidades que encontramos na arte relacional, na instalação artística, que além da reflexão do espaço nos coloca novamente em contato com as plantas e o verde como modo de nos reconectarmos com a natureza. Hoje, “esse jardim é a arte” parodiando Paulo Bruscky.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PAULO BRUSCKY: O ARTISTA QUE ESCRIVE. **Revista Select**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://select.art.br/paulo-bruscky-o-artista-que-escreve/>

TAVARES, R. N., et al. O que pode um jardim relacional e multidisciplinar? In: **Anais do CIICT**, 2023 (no prelo).